



para os envolvidos na tentativa de golpe depois das eleições de 2022?

São momentos absolutamente distintos. A anistia de 1979 foi um gesto de pacificação, necessário àquele momento. Permitiu uma transição sem derramamento de sangue. Era um pacto político. A ditadura ainda sobreviveu por mais alguns anos após a anistia, mas esse gesto foi essencial para preparar o caminho para a democracia. Hoje, vivemos um cenário diferente. Eu torço pela pacificação nacional, mas é preciso separar os responsáveis pelos atos de 8 de janeiro de 2023 daqueles que estavam ali, inadvertidamente, sem plena consciência do que acontecia. Muitos já cumpriram pena suficiente. Há uma discussão legítima sobre a dosimetria das penas. Eu mesmo tenho conversado com ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), com líderes do Congresso e com o presidente da Câmara (Hugo Motta). Existe um esforço para distinguir entre os articuladores do golpe e aqueles que apenas participaram, às vezes até sem saber exatamente as consequências. Esses devem ser punidos de forma mais branda. A minha preocupação é esse projeto de anistia ser votado como ele está. O embate não será na Câmara ou no Senado, será na sociedade. A polarização que assistimos em 2018, quando famílias e amigos deixaram de se falar, vai começar a voltar — e isso não interessa ao Brasil. Temos de ser duros e rígidos com quem articulou (a tentativa de golpe), mas aqueles que estavam ali, inadvertidamente, não podem receber penas tão duras. O Brasil precisa andar para frente. Essa polarização aguda de 2018, a que assistimos em 2022, tem a participação do PT, que sempre quis o país dividido ao meio. Mas é preciso deixar claro que o Brasil não é tão raso, que se resume a esses dois extremos que se retroalimentam. Eles são úteis um para o outro.

Tancredo era conhecido pela habilidade de conciliar adversários que se pensavam inconciliáveis. Hoje, políticos com o perfil do seu avô teriam espaço ou seriam engolidos pelo radicalismo?

A política do diálogo, da convergência, está muito ausente da realidade atual. O plenário da Câmara, que presidi, tornou-se um local insalubre. Os extremos se digladiam. Cada um quer ganhar mais likes, e não mais construir soluções. Quanto mais ataques, mais apoio têm. Isso empobrece a política. As pessoas estão cansadas dessa política de ataque, na qual você precisa derubar o outro. Aqui (na Câmara) não se discute mais propostas, projetos. Tancredo era conciliador, mas também era um homem de coragem pessoal. Foi ministro da Justiça de Getúlio Vargas, esteve com ele até o fim. Quando (o presidente) Getúlio se suicidou, Tancredo estava com ele no quarto. No auge da ditadura, acompanhou Juscelino (Kubitschek, ex-presidente) em todos os inquéritos, mesmo quando todos se afastaram. Na renúncia de Jânio (Quadros, ex-presidente), foi Tancredo quem articulou a posse de Jango (Goulart, ex-presidente). E quando (o general Humberto) Castelo Branco foi indicado presidente, foi o único deputado do PSD a votar contra. Esses gestos mostram coragem. E é isso que falta hoje: coragem com sabedoria. O Tancredo era completo. E faz muita falta.

A política brasileira desceu de nível nesses 40 anos?

Piorou muito. A influência das redes sociais é imensa hoje. Hoje não se tem espaço para construção de carreiras políticas. As carreiras políticas são meteóricas, tanto as subidas quanto as quedas são muito rápidas. Certa vez, um deputado falou para Ulysses: 'Esse Congresso está muito ruim'. E ele respondeu: 'Espere para ver o próximo Congresso'.



Conheci Ulysses de perto. Foi firme ao lado do Tancredo. Tinham uma sinergia muito grande. O (jurista) Thales Ramalho dizia que eles dançavam uma música que só os dois conheciam os passos. Quem tentasse se meter acabava tropeçando"



Hoje não se tem espaço para construção de carreiras políticas. As subidas e as quedas são rápidas. Certa vez, um deputado falou para Ulysses: 'Esse Congresso está muito ruim'. Ele respondeu: 'Espere para ver o próximo'. Ulysses antevia esse empobrecimento"

Ulysses já antevia esse empobrecimento. Ainda assim, vejo sinais de mudança. Nas eleições de 2024, os extremos que radicalizaram perderam. Quando buscaram alianças ao centro, venceram. Isso mostra que há um certo cansaço com o confronto. O Brasil quer voltar a falar com a razão, não com a raiva.

O senhor crê que a anistia de 1979 deixou lacunas que alimentam o radicalismo de agora?

Não acredito. O que alimenta o radicalismo atual é a ausência de política, de diálogo. (O ex-presidente Jair) Bolsonaro se elegeu como antipolítico, como antissistema. Muitos se elegeram nesse vácuo e, depois, se mostraram até piores do que aqueles que criticavam. Hoje vivemos consequência desse vácuo, que levou a essa radicalização. E acho que não tem mais a força de antes. Acredito que, em 2026, a força dos extremos não será tão grande como foi em 2018 e 2022.

O Brasil errou e continua errando no tratamento dado aos militares?

Eu era presidente da Comissão de Relações Exteriores (da Câmara dos Deputados) e logo quando Bolsonaro tomou posse, o general (Walter) Braga Neto deu um depoimento na Comissão de Defesa Nacional. Ali, eu fiz uma pergunta para ele: 'O senhor não teme que isso pode acarretar um fracasso do governo Bolsonaro. Isso não pode respingar nas Forças Armadas?' Ele disse que não, que o governo teria êxito, que eram poucos (os radicalizados). E, no fim, o que assistimos foi uma contaminação das Forças Armadas pelo excesso. Não é que deve ser vetado, mas a excessiva participação de militares no governo Bolsonaro contaminou as Forças Armadas. Não se trata de impedir que militares contribuam, mas quando isso é feito em larga escala, os danos são inevitáveis. Destaco o gesto do presidente Fernando Henrique Cardoso, que nomeou um civil para o Ministério da Defesa. Foi, sim, um gesto marcante e simbólico. Mas acredito que a imagem vai se recuperar, pois o ministro (da Defesa José) Múcio

faz um trabalho de pacificação, de resgate do papel das Forças Armadas. E os inquéritos estão separando o joio do trigo, os que acharam que podiam se aproveitar de um determinado momento para voltar a ter um poder permanente, sem a participação da população. No Brasil, essas pessoas não terão mais espaço. Governará o país quem tiver apoio, voto e quem cumprir a Constituição.

Como o senhor vê o avanço da extrema-direita?

É um fenômeno mundial. Mas eu acho que isso é ausência da política que leva a isso. E o que é a política? É a capacidade de você construir pontes, caminhos, consensos. Tem questões que não são essenciais para o Brasil e que só servem para alimentar esse confronto, que estimulam o confronto no vácuo da política. Quando a política se ausenta, o extremismo avança. É um fenômeno mundial, mas por razões distintas. Por exemplo: na Europa, tem muito a questão migratória, a fragilidade econômica e vai criando sentimento xenofóbico. Aqui no Brasil, nós vivemos um vácuo político, que possibilitou que figuras extremistas ocupassem um espaço, que eu acredito que não seja definitivo. A esquerda do Lula, o petismo vai ter sempre 30% históricos. A direita radical também terá sempre seus 20% a 25%, com Bolsonaro ou sem. Cabe ao centro conversar com o restante da população, com os 40%, 50%, que foi sempre o eleitor de centro, que vota hoje pela exclusão. Muitos votaram no Lula por não gostarem de Bolsonaro e vice-versa. Não está perdido. Nós temos que voltar a falar com essas pessoas. A causa não está perdida. O Brasil não é esse país extremado que a disputa política retrata.

Tancredo foi vítima de erro médico?

Foi erro de uma enorme incompetência médica e, depois, de um processo que não se conseguiu reconstruir. Ele estava sendo monitorado por médicos e, em nenhum momento, alertaram nem a ele e nem a nós, da família, de que era irreversível. Ele insistiu para que fosse operado só após a posse, com receio de que Sarney não pudesse assumir. Mas em momento nenhum foi dito: precisa fazer a cirurgia agora, pois o senhor corre risco de vida. A primeira cirurgia dele, no Hospital de Base, em Brasília, foi uma tragédia. Depois, descobrimos na investigação que tinha mais de 30 pessoas na sala de cirurgia, curiosos. Depois, foi para São Paulo e não teve mais jeito. Não gosto de culpar pessoas, mas foi uma imprudência grande. Naquela noite do dia 14 (de março de 1985), eu queria ir (com Tancredo) para São Paulo. Eu tinha um avião parado, à espera, mas os médicos não permitiram. Infelizmente, o destino não permitiu que ele fosse presidente. Mas permitiu que a luta de sua vida se concretizasse e que, hoje, comemoramos 40 anos de democracia. Ele estaria feliz de ver que, apesar de todos episódios graves que vivemos nos últimos anos, a democracia sobreviveu e vai continuar sobrevivendo.

O senhor acha que Tancredo teria vergonha do que se vê na política no Brasil de hoje?

Acho que mais do que vergonha. Ele estaria indignado com o que acontece no Brasil. Tancredo era um homem culto, preparado. Ver a política sendo tratada de forma rasa, radical, desprovida de um projeto nacional, o entristeceu profundamente. Nós, que comungamos de sua visão, sentimos essa frustração todos os dias. Mas seguimos lutando para que o Brasil reencontre seu rumo, que esse quadro não se eternize, pois nossos filhos e netos não merecem viver num país dividido pelo bolsonarismo e pelo petismo. Nós precisamos que surjam lideranças para ocupar esse espaço.



A primeira cirurgia dele (Tancredo) foi uma tragédia. Descobrimos que tinha mais de 30 pessoas na sala de cirurgia. Depois, foi para São Paulo e não teve mais jeito. Não gosto de culpar pessoas, mas foi uma imprudência"

65
BRASÍLIA ANOS

O melhor tempo é agora.

Para saber mais, acesse:

São 65 anos e uma história repleta de personagens, cheios de histórias para contar e com muitos motivos para comemorar. Parabéns a todos que ajudaram e ajudam a construir esta cidade tão especial e a todos que têm o privilégio de viver aqui.